

A eleição de Hindenburg

A vida actual está cheia de paradoxos e um dos mais curiosos é o do general Hindenburg, monárquico, partidário da restauração do kaiser, propôr-se à presidência da república alemã e outro, não menos estranho, — o ser eleito. Eleito o lugar tenente do kaiser a presidente de república, é como se passasse a gerir o Estado um procurador do antigo monarca.

A república na Alemanha não será desde este momento mais de que uma ficção, pois de facto quem governará a Alemanha será o kaiser por intermédio do seu representante. E o que isso vai ser já nós podemos calcular.

Prepara-se evidentemente uma nova conflagração europeia. O militarismo alemão, o imperialismo alemão pretendem erguer-se de novo. Quando a única questão a pôr hoje na Europa deveria ser a da socialização do solo e das indústrias, debatem-se ainda os países com o problema restrito da sua vida política.

Se o operariado da Alemanha tivesse uma consciência revolucionária, não seria possível que um Hindenburg se atrevesse a dominar esse país. Não seria preciso mesmo que os operários votassem, exercessem a sua influência no parlamento. Bastaria a sua coesão, a sua força, o seu valor revolucionário para deterem a audácia dos reaccionários.

Logo que após a guerra a Alemanha não fez a sua revolução popular, com carácter socialista, era de prever que tudo se iria passar assim: não sendo a república mais de que uma mistificação para uso externo. Quiz a Alemanha dar ao mundo a impressão de que repudiava todo o seu passado de opressão, de tirania, de espírito militarista, para inspirar confiança aos seus antigos inimigos. Agora, julgando-se já fortes, e em estado de poder libertar-se da pressão dos aliados, tiraram os dominadores do povo alemão a máscara e caminham afoitamente para a monarquia.

O facto é afinal uma ótima lição. Dê-se a conclusão que uma república desde que abdique das tendências mais definitivamente radicais caminha inevitavelmente para o suicídio. A reacção dentro da república, o espírito conservador dominante nela não podem conduzir senão ao despotismo, ao restabelecimento da monarquia. O que sucede hoje à Alemanha é o que poderá suceder a Portugal, se os republicanos, com receio do progresso e da liberdade, continuarem a manter uma política conservadora, restringindo as liberdades públicas e tratando o operariado como um inimigo.

Uma arbitrariedade

Foram ontem detidos pela polícia, no tribunal da Boa Hora, os operários José Abrantes, Castanheira, Alberto Abrantes, Castanheira, Germano Araújo, Pereira, António Almeida, José Homem de Almeida, Adelino Soares, Joaquim Silva Lopes, Manuel Gonçalves, Martinho, Manuel Soares, Vasconcelos Silveira, Manuel Simão e Aníbal Fernandes.

A prisão destes operários é tão arbitrária que quasi todos eles são manipuladores de pão e testemunhas de defesa dos seus camaradas que ontem eram julgados.

Chegou-se ao cúmulo: prender as testemunhas de defesa no decurso dum julgamento.

A polícia continua com as suas revoltantes arbitrariedades, semeando estúpida mente o ódio.

Os bolchevistas procuram revolucionar a Pérsia

CONSTANTINOPLA, 27.—O governo de Moscúvê esforça-se por exercer uma larga influência sobre a Pérsia, influência que agora diminuiu um pouco tendo por esse motivo sido enviado aquele país o sr. Yusenêff que se esforça por combater a política do primeiro ministro Sardar Siyah. O governo de Moscúvê tem muitos agentes na Pérsia que fazem activa propaganda bolchevista que têm encontrado um meio propício para se desenvolver. —(R.)

Terminou a censura aos jornais

Ontem à tarde foram chamados ao ministério do Interior os representantes dos jornais de Lisboa a fim de lhes ser notificado pelo general sr. Adriano de Sá que o regime da censura terminava.

Escusado será dizer-se que esta notícia é, para os jornais, que a transmitem hoje aos seus leitores, a mais agradável destas últimas.

Folgamos, pois, com a terminação dum regime que nunca devia ter começado...
"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

A suspensão do órgão das "forças-vivas"

Reuniram ontem os representantes de vários jornais de Lisboa a fim de apreciar este assunto

Na redacção do nosso colega *O Jornal do Comércio e das Colónias* reuniram os representantes dos jornais diários de Lisboa a fim de se apreciar a situação do *Seculo* que, como se sabe, se encontra suspenso por determinação governamental.

Foi notada a falta de representantes de alguns jornais, como *O Mundo*, *A Capital* e *O Diário do Povo*.

Pelo sr. Alberto Bessa, director do *Jornal do Comércio e das Colónias* foi exposto aos presentes o motivo daquela reunião, à qual assistia também um representante do administrador-delegado de *O Seculo*.

Por um dos representantes do *Diário de Notícias* foi ponderada a gravidade das medidas governamentais que atingiram o órgão das "forças-vivas", chegando-se, depois de mais alguns delegados das empresas jornalísticas terem exposto o seu parecer, à conclusão de que se estava praticando um verdadeiro atentado contra a liberdade de imprensa. Não se podia deixar passar sem protesto um precedente que amanhã poderá atingir outros jornais.

O representante de *A Batalha* registou-se com a atitude de franca defesa da liberdade de imprensa que os delegados presentes estavam assumindo. Era para protestar contra o princípio de restrição da liberdade de expressão que *A Batalha* ali tinha também o seu representante. Simplesmente o mau precedente não se iniciava agora com as medidas violentas tomadas pelo governo contra *O Seculo*. *A Batalha* tem estado várias vezes sujeita ao regime de censura especial, só para ela, e bem poucos jornais protestaram contra essa restrição da liberdade de imprensa; *A Batalha* esteve suspensa mais uma vez, devido às violências governamentais e os seus presados colegas, salvo honrosas excepções, não só não reuniram, como agora, para protestar contra a arbitrariedade, mas também chegaram a incitar os governos a persistir nessas medidas odiosas. O representante de *A Batalha*, porém, esquece esses agravos, para só pensar em manter as suas doutrinas, protestando, não contra a arbitrariedade isolada que está atingindo *O Seculo*, mas contra o princípio que se quer estabelecer de os governos poderem dispor dos jornais e restringir a faculdade de

cada um, bom ou mau, exprimir o seu pensamento.

O representante do administrador-delegado do *Seculo* afirmou, depois de agradecer a solidariedade dos jornais, que devido à sua forçada suspensão, se hoje a sua situação não se modificasse, teria de despedir por falta de recursos todo o seu pessoal e encerrar os escritórios e oficinas. Aproveitava o ensejo para participar aos representantes da *Epoca*, *Correio da Manhã* e outros jornais que são impressos nas suas oficinas não se poderia continuar a prestar-lhes esses serviços, devendo esses jornais, procurar, portanto, outras oficinas onde imprimir-se.

Compreendia-se, embora não se dissesse, que as forças vivas estavam dispostas a fazer recair sobre várias entidades a suspensão que sobre o *Seculo* impende a fim de forçar os outros a uma duvidosa solidariedade de interesses e de excitar alguns ódios contra o governo.

Resolveu depois nomear uma comissão que iria avistar-se com o presidente do ministério a fim de solicitar-lhe autorização para *O Seculo* poder publicar-se.

Como fôsse lembrado o nome do representante de *A Batalha* para fazer parte da comissão, este, agradecendo essa deferência, não aceitou alegando que o jornal operário não deve solidariedade ao jornal *O Seculo* com o qual tem estado em constante contradição e achava ter desempenhado bem a sua missão defendendo, duma maneira geral, a liberdade de imprensa — para todos.

A comissão ficou constituída pelos srs. Jorge de Abreu, de *A Tarde*, José Sarmiento, do *Diário de Notícias*; Alberto Bessa, do *Jornal do Comércio* e Pedro Bordinho Pinheiro, do *Diário de Lisboa*.

Esta comissão dirigiu-se à Câmara dos Deputados a fim de cumprir a sua missão. Não podendo falar com o presidente do ministério, entendeu-se com o ministro do Interior que lhe afirmou que a situação de *O Seculo* breve se esclarecerá, voltando a publicar-se apenas terminem certas diligências que estão sendo conduzidas urgentemente.

Representou *A Batalha* na aludida reunião o nosso camarada Mário Domingues.

NOTAS & COMENTARIOS

O exaspero do sr. senador

O exaspero do sr. senador... *A Montanha* do Porto vem, há meses, fazendo, com furor, e inabilidade, uma campanha contra a Associação dos Jornalistas do Porto, por esta se ter recusado a conceder a carteira de jornalista a todas as pessoas que o director daquele jornal, sr. Julio Ribeiro, teve a fantasia de considerar profissionais da imprensa.

O sr. Julio Ribeiro chegou a pretender a carteira de jornalista para sua esposa e sua filha que fora do lar não exercem outra actividade que não seja andar de electrico e fazer compras nos mercados e estabelecimentos. *A Montanha*, que é um jornal pequenino de formato, tendo em grandes letras as notícias, os comentários, os artigos que podem ser feitos pela décima parte dum jornalista mau, exigiu uma quantidade apreciável de carteiros.

O senhor sr. Julio Ribeiro pretendeu assim aumentar enormemente a classe dos jornalistas, para distribuir pelos seus amigos da política e da família as concessões dos abatimentos em algumas linhas ferroviárias que o uso da carteira assegurava.

Se os dois sindicatos de imprensa — o de Lisboa e do Porto — forem a atender os pedidos de carteiros feitos até por indivíduos que nada fazem, dentro em breve justificava-se a atitude dum antigo juiz da Boa Hora que, quando julgava um reu por ser vadio reincidente, mandava escrever:

—Escriva, ponha lá que este homem é jornalista.

Os calabouços

O sr. Filipe Mendes segue a rotina — e a rotina são os calabouços do governo civil onde se asfixia; os calabouços que mesmo à hora luminosa do meio dia estão imersos em trevas. Cabem neles 10 ou 12 homens. Nunca têm menos de 30. Um deles — o 6.º — tem actualmente 42 presos transformados em 42 arrapos humanos que para ali estão encurralados, sem nenhuma espécie de conforto, sem nenhuma higiene.

O leitor já viu um desses vagões de caminho de ferro que servem para transportar animais? Já observou os currais dos porcos? Pois os calabouços do governo civil são piores do que esses vagões, estão abaixo desses currais. Se os animais dentro dos vagões ou nos currais estivessem assim comprimidos, sem espaço para um movimento e numa tão grande viciação de atmosfera, poucos escapavam à morte. Pois os presos conseguem viver naqueles calabouços que além dos horrores acima descritos têm uma tarimba de mil cores — as cores diversas das mais diversas inimizades.

42 homens num calabouço infecto do governo civil! Como a carne humana está tão barata a ponto de se condenarem homens a viver onde os suínos só conseguem morrer.

O homem que quiz ser preso

José de Almeida Nogueiros não quiz cumprir um contrato que o obrigava à execução dum bailado, em São Carlos, domingo transacto. Não quiz, alegando razões de ordem artística. Entendeu, porém, que se o não cumprimento dum contrato obriga à prisão, nenhum motivo legal havia para andar, e depois desse espectáculo em liberdade. E,

umindo, coperamente, suas palavras aos seus actos, aproximou-se dum chefe de polícia e disse-lhe: prenda-me que eu transgredir uma lei, faltando a um contrato. O chefe da polícia olhou espantado para o homem que queria ser preso, mas diante da insistência e levado pelo hábito — prendeu-o.

Também o seu gesto merece a nossa admiração. Se todos os que transgredem a lei quizessem ser presos quantos comerciantes andavam em liberdade, pedindo a prisão para os outros? Nenhum por certo.

O sr. Almada Negreiros abriu um precedente que não faz carreira — a do homem que quer ser preso por o Código Penal considerar indigno da liberdade quem está incurso num dos seus horrores e iníquos artigos.

Ecos do movimento militar

Foi levantada a incomunicabilidade aos presos

O general comandante da primeira divisão militar, mandou que fôsse levantada a incomunicabilidade aos presos por motivo dos últimos acontecimentos.

A bordo da fragata D. Fernando ainda se encontram o dr. sr. Alvaro Machado e vários oficiais presos.

Os feridos

Da enfermaria Provisória do hospital de São José, sai hoje com alta, Maria Antónia da Luz Vieira, de 46 anos, residente na rua Lopes, letra A, ao Alto do Vaireão que, no dia 18, foi atingida com um tiro nas costas, quando se encontrava na residência.

Os efeitos da revolta em Borba

BORBA, 25.—Devido aos últimos acontecimentos de Lisboa abandonaram o trabalho grande parte de trabalhadores rurais, entre eles Manuel Joaquim Boleta, Manuel D. Avó e Antonio Marques, que os seus patrões, Nicolau e Crispiniano Barriga Negra, despediram por acinte e por serem associados. —(E.)

Em Vila Nova de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 26.—O Núcleo de Juventude Sindicalista, ante ontem reunido em assembleia geral, aprovou uma moção protestando contra os indivíduos que pretendiam e pretendem instaurar em Portugal a ditadura militar e saudando *A Batalha* e o povo de Lisboa, pela sua atitude durante o movimento.

Declaram-se atentos aos maneios da reacção e dispostos a proceder com energia, quando a liberdade corra risco. —(C.)

Os salários dos mineiros na Bélgica

BRUXELAS, 27.—Tendo as organizações patronais denunciado a convenção sobre salários estabelecida com os sindicatos mineiros, antes determinaram que se realizasse o "referendum" nos dias de hoje e de amanhã, para poderem recorrer eventualmente à greve geral. —(L.)

UMA PESSOA IMPORTANTE

ou a história verdadeira do fracasso dum entrevista e do seu respectivo entrevistador

Leitor. Eu vou contar-te como me fálhou uma entrevista, como afinal elas fálham muitas vezes aos meus colegas também. Este desastre profissional, sucede com bastante frequência, sempre que o jornalista é impellido a realizar uma entrevista com uma das muitas pessoas importantes do nosso país.

A semana passada os meus recursos jornalísticos eram chamados a mobilizar toda a sua energia, para conseguir obter uma entrevista com o dr. G., pessoa de uma grande notoriedade e cujas declarações eram ansiosamente esperadas pelo público.

Vai agora o leitor saber quanto custa a um jornalista arrancar uma opinião a uma das chamadas pessoas importantes.

Recebi a incumbência, com uns pródigos conselhos sobre a gravidade do assunto muito gravemente o jornalista constata que não sabia onde encontrar o seu entrevistado. Claro, isto não é caso para amedrontar ninguém. O Anuário Comercial, a lista dos telefones, são o ponto de apoio e a alavanca que levantam o mundo das dificuldades. Rapidamente o jornalista fica informado que o seu entrevistado mora no Estoril. Entra em scena o horário dos comboios e breve um porteiro, com toda a magestade dos porteiros de melodrama, informa:

—Sr. Ex.ª mora aqui de facto, mas onde reside habitualmente é na sua casa de Lisboa, às avencidas novas.

Este ligeiro contratempo é naturalíssimo, e o passeio de comboio não foi de todo amaldiçoado. Uma corrida, ou antes, um deslizaz monotono num electrico, e aparece outro porteiro, desta vez de alta comedia, que informa por sua vez:

—O sr. dr. mora aqui, mas poucas vezes vem ficar a casa. Habitualmente ele reside no hotel. Agora mesmo ele está vivendo no hotel qualquer coisa.

Dirigimo-nos, como se diz em linguagem jornalística, ao hotel qualquer coisa, enquanto na cidade aquela hora... se fazia a vida do costume.

E chegados ao hotel, disparámos.

—Precisamos falar ao dr. G... Venho do jornal de...
—O dr. G... Não está. Já saiu.
—A que horas é que ele virá jantar?
—Não janta cá... E às vezes nem cá vem ficar.
—Mas não está cá hospedado?
—Está, mas vai jantar quasi sempre ao restaurante tal...
—Pacientemente, imprimimos aos nossos passos a direcção do restaurante indicado.
—O dr. sr. G... A que hora lhe poderei falar?
—Costuma vir jantar aqui às 9, mas hoje não conte com ele... Nem hoje nem amanhã, nem por toda esta semana...
—Mas onde encontrá-lo finalmente?
—Olhe. Hoje vai jantar à embaixada. Amanhã janta com o sr. ministro dos estrangeiros. Depois tem um jantar com o Nuncio. A seguir há um jantar de homenagem ao alto comissário. Depois é um jantar para a despedida do...
—Bem! Bem! Mas onde pára ele nas horas vagas desses jantares?
—No ministério das Colónias... Lá é que lhe podem dizer, porque ele está lá como alto funcionário...
No ministério das Colónias, depois de errar pelo labirinto dos corredores, depois de chamar uns poucos de continuos, estamos finalmente diante do gabinete de sua ex.ª. O continuo informa.
—O dr. sr. G... não está. Aqui nunca o senhor será capaz de o apanhar.
—O senhor tem muita necessidade de falar com ele?
—A máxima urgência.
E com certo azedume, bem explicável, arrumamos com este comentário de despedida:
—Um jornal não néo é uma repartição do Estado. As coisas têm que se fazer a horas, dentro de muito poucas horas.
O continuo que naturalmente errou a vocação, revela-se uma excelente pessoa, e diz-nos com ar de conselho:
—Sabe o senhor onde pode encontrá-lo? Vá ao Banco Colonial, lá encontra-o com certeza. Ele aqui vem muito pouco. Lá sim...
Um jornalista facilmente desiste. Ele possui uma psicologia de para-raios.
E ei-lo no Banco Colonial.
—O dr. sr. G...
—Não está.
—É impossível que não esteja... Então esse senhor não está em parte nenhuma?
O continuo vai para mostrar uma cara feia, mas impressiona-se muito diante desta argumentação.
—Preciso de falar com urgência ao dr. sr. G... Já estive nas suas duas casas de residência, no hotel, no restaurante, no ministério, no inferno, e agora vou dizer-me que ele não se encontra aqui... Francamente...
Com uma grande calma, com uma extraordinária bonomia, o continuo explica:
—Ele vem aqui poucas vezes... Só vem ao banco, em reuniões de direcção. Onde ele pára mais é na companhia de seguros de que é director. Afim. Encontra-o com certeza. Uff! Enfim! Depois de três dias de perseguição, vou encontrar o grande herói... Companhia de Seguros tal... E aqui não é verdade? Preciso de falar ao dr. sr. G... Já falei com ele pelo telefone. Sr. Ex.ª espera-me. Faça favor de anunciar que está aqui um jornalista do diário tal.
—Mas o sr. G... Não está... foi agora mesmo para a companhia dos Diamantes... Lá é que o senhor o pode encontrar com certeza. Mas vá depressa, senão já não lhe pode falar senão nos sindicatos agrícolas, ou na associação dos proprietários, e ali é muito difícil ser atendido, porque ali, ele não gosta de receber ninguém.
Leitor, juízo que fui até ao fim. Estive na

Uma interpretação errada

Se antepuzessemos os actos às palavras...

Sei que, ao apreciar-se a constituição do comité das esquerdas, organizado quando do recente movimento insurreccional, foi combatida, na primeira reunião do conselho confederal que se seguiu a esse movimento, a participação da C. G. T. no mesmo comité. Mais: o conselho confederal deliberou que de futuro, em casos identicos, a C. G. T. se não ligue a quaisquer agrupamentos para o mesmo efeito.

Como, em minha opinião, se trata dum assunto que tem uma excepção importante, permito-me a liberdade de sobre ele fazer algumas considerações, que não são de concordância com o critério que prevaleceu na reunião do conselho confederal. E folgarei, dado que as minhas razões não oteçam consistência, que alguns dos militantes em desacôrdo oponha os seus argumentos aos meus raciocínios, pois bem pode suceder que eu esteja encarrando a questão de espirito pouco afilado. Se assim for, estimei ser esclarecido.

Começarei por dizer que tenho defendido, invariavelmente, a independência do movimento sindicalista face a todos e quaisquer agrupamentos políticos e filosóficos, restando acrescentar, para desde já arredar deduções erradas, que continuo reivindicando para a organização operária portuguesa, no seu próprio interesse, a mais insosfismável autonomia, a máxima liberdade de movimentos.

Por pensar assim é que, no meu sindicato profissional e fora dele, me manifestei não só contra a adesão da central de sindicatos às Internacionais com sede em Amsterdam e em Moscúvia, mas também contra o ingresso na de Berlim, exactamente por nenhum desses organismos ser simplesmente sindicalista, isto é, absolutamente alheio às questões de tendência, origem das lamentáveis lutas que no momento que passa separam, através do mundo operário, as massas organizadas. Sob este aspecto, estou numa posição que diverge da de muitos outros sindicalistas, alguns dos quais, a despeito de se afirmarem igualmente partidários da independência da organização sindical, em certas circunstâncias actuam de maneira a dar-nos a impressão de que todas as Internacionais lhes desagradam... menos uma.

Porém, não obstante defender a *outrance* a autonomia da organização sindicalista, e sendo adverso a quaisquer ligações com carácter permanente, que julgo amolecedor, nunca fui nem sou hoje contrário à aceitação, em circunstâncias muito especiais e para fins muito especiais, de entendimentos transitórios entre a central de sindicatos e outros agrupamentos avançados. Em casos, por exemplo, como o que determinou a recente formação do comité das esquerdas, acho-os úteis e incomparavelmente mais justificáveis do que o pacto estabelecido quando da manifestação a Belém. E' que então estávamos ante uma ameaça das direitas e agora ante o *facto insurreccional*, que é mais alguma coisa.

Quer isto dizer que, até prova em con-

trário, considero que nada perdeu a C. G. T. com o entendimento há pouco efectuado. Se por virtude de se ter ligado naquele momento com outros agrupamentos houvesse ficado com os movimentos presos, seria indesejável tal atitude. Mas esse facto não se verificou, visto que, no campo que lhe é próprio, a C. G. T. actuou livremente, obedecendo apenas à sua vontade, isto é, procedendo da mesma forma como procederia se aquele pacto não tivesse existido, pois ninguém certamente pretenderia convencer que mais longe poderia ter ido a sua acção se tivesse ficado isolada dos agrupamentos em referência.

Alguns dos militantes que na supracitada reunião se levantaram contra a participação da C. G. T. no pacto das esquerdas, afirmaram, segundo consta, que o comité confederal, pela atitude que teve, contrariou a vontade das massas organizadas.

Vistassem as coisas, parece-me que quem deu uma interpretação errada ao sentimento das massas não foi o comité confederal mas os seus censores, talvez por as não terem podido auscultar no momento em que elas manifestavam a sua vontade. Tive ensejo de estar nesse instante em contacto com uma multidão activa — e esta não era constituída apenas por elementos políticos, visto que vi entre ela muitos sindicalistas e anarquistas, e alguns desses assaz estruados — e não ouvi, nem me consta que alguém haja ouvido, a mais leve condenação ao que se fizera.

Há, portanto, uma flagrante contradição entre o que sustentaram os referidos militantes e o que de facto se passou, pelo que contesto a afirmação feita. Não está certa semelhante afirmativa, não só por não responder à realidade, mas também porque quem a produziu é que na verdade se sobrepõe ao sentimento das massas, o que, em sindicalismo, é inadmissível. E é inadmissível porque sempre que, sem fundamento, os militantes asseveram traduzir o pensamento das multidões, fazem tudo — menos sindicalismo.

Estou, por isso, habilitado a concluir que não foi como sindicalistas que aqueles militantes se exprimiram na reunião do conselho confederal, mas porventura como anarquistas. Ora achando lógico que esses camaradas actuem nessa qualidade fora da C. G. T. — e têm tanto campo para isso! — entendo todavia que dentro desta convém que procedam apenas como sindicalistas.

E' que assim não darão o direito aos comunistas e aos socialistas de lhes seguirem o pior exemplo, o que traria consequências muito graves para a organização operária portuguesa, que devemos empenhar-nos em colocar muito acima das nossas paixões pessoais, dado que sinceramente desejemos ver mantida a unidade sindical, unidade que não basta traduzir apenas por palavras, mas sobretudo por actos, que são sempre bem mais conclusivos.

ALEXANDRE VIEIRA.

A Bulgária convulsionada

A policia assegura que os agrários e comunistas recebem dinheiro da Rússia

BELGRADO, 27.—Os recentes acontecimentos na Bulgária e os protestos injustificados a que eles deram causa por parte do governo bulgaro, que accusou a Yugoslavla de proteger os emigrados extremistas bulgaros, vão dando lugar a uma atmosfera menos febril e a um entendimento entre todos os países balcânicos para evitar qualquer conflito que só serviria os interesses de Moscúvê cuja actividade se exerce agora principalmente na Península Balcânica — R.

Um achado de 200 quilos de explosivos

SOFIA, 27.—A policia apreendeu um documento proveniente de Moscúvê pelo qual se verifica que os conspiradores comunistas bulgaros recebiam fundos russos e tentavam destruir a prefeitura da policia e varios outros estabelecimentos publicos, especialmente a administração de Varna, onde foram encontrados 200 quilos de explosivos. —L.

Um novo atentado comunista?

SOFIA, 27.—Um novo atentado comunista acaba de se dar nesta cidade. Os edificios do Teatro e da Biblioteca Municipal foram incendiados. A policia conseguiu averiguar que efectivamente os conspiradores bulgaros recebiam avultadas importancias da Rússia. —R.

O governo desmente os fusilamentos. 2.000 prisões

SOFIA, 27.—Os inquéritos feitos pelas autoridades policiaes estabelecem insofismavelmente que os conspiradores agrários-comunistas receberam fundos do estrangeiro, que lhes foram enviados da Rússia dos soviéticos.

O governo desmente novamente que tenha mandado executar sumariamente quaisquer revolucionários, tendo apenas sido mortos alguns em combates travados entre as tropas e grupos de comunistas armados. O numero de prisões efectuadas eleva-se a cerca de dois mil. —(L.)

A Bulgária autorizada a aumentar o exército

PARIS, 27.—Já foi notificado ao governo da Yugoslavla a decisão da conferencia dos Embaixadores acerca da autorização temporariamente concedida à Bulgária para aumentar o efectivo da sua milicia. O governo em questão reconhece a necessidade de combater o bolchevismo e só pede o estrito cumprimento da clausula do licenciamento no fim de Maio. —(R.)

Não haverá sossego para os refugiados politicos na Austria e na lugoslavia

VIENA, 27.—O governo está disposto a expulsar todos os elementos perigosos que transformam esta cidade num laboratório

Companhia dos Diamantes, nos Sindicatos Agrícolas, na Associação dos Proprietários...

Companhia dos Diamantes, nos Sindicatos Agrícolas, na Associação dos Proprietários... fui até mais longe. Garantiram-me, que o dr. G. seria visível, em mais duas companhias de seguro, em mais três bancos que não fixei o nome, porque já não havia espaço na memória, para minha indignação, para o desespero do meu fracasso. Desisti. Desisti contrariadíssimo, como deves supor. Para dissipar o aborrecimento, precisei de organizar um brodio solitário... E entre nessa casa dos jornalistas, que é a primeira casa de penhores. Não contava este pormenor, se não se desse a circunstância de me chocar à entrada com o dr. G. Fiquei tão impressionado, que o deixei fugir. Pois quê? Era possível que um homem tão importante, também entrasse como qualquer vagabundo numa casa de penhores?

De novo acordou o instinto jornalístico. Entrámos para colher pormenores, e ficámos sabendo que...

O dr. G. foi àquela casa de penhores porque se efectuava um leilão, e ele era um socio da casa... Quem o adivinhasse...

EDUARDO FREIAS

Sindicalismo fascista

ROMA, 27.—O grande conselho fascista chegou ontem na discussão das organizações operárias e no seu decurso à greve, tendo de parecer que só se deve recorrer a tal extremo quando se tenham esgotado por completo todos os meios pacíficos. —(L.)

Em auxilio de "A BATALHA"

Uma simpatisante de *A Batalha* que se acoberta sob a rubrica S. —(Pôrto) acaba de nos enviar a quantia de 100\$00 para auxilio do órgão dos trabalhadores.

São constantes as provas de solidariedade que diariamente recebemos, tão cativantes e tão pouco espalhafatosas que nos sensibilizam profundamente; rara é a importância que nos enviam que não seja sempre acompanhada da modesta indicação. *Dum amigo de "A Batalha", dum trabalhador para o seu órgão, oferece um proletário*, etc.

Ha aqui um desejo apenas. Auxiliar *A Batalha* que só vive do esforço daqueles que do trabalho honesto vivem.

Estas e outras provas esmaltam as nossas consciências e galvanizam a nossa predeposição para a luta.

Baldwin afirma-se contra a guerra

LONDRES, 27.—O sr. Baldwin declarou ao *Worcester* ser absolutamente contrário ao sistema das alianças armadas e partidário dum acôrdo internacional que torne impossível uma nova guerra. —(L.)

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

mento brasileiro, em virtude de várias dificuldades, a que não é estranha a pouca simpatia que a outros clubes merece a iniciativa do Casa Pia Atlético Clube.



A acção da organização operária do Algarve e a propaganda

Tese a apresentar na Conferência Inter-sindical do Algarve

Verifica-se na região do Algarve que muitos sindicatos, talvez mesmo a maioria, não tem aquela vida que deveria ter e isto devido ao pequeno número de militantes, dando-se muitas vezes o caso destes camaradas, depois dum trabalho de alguns anos em prol da organização, se encontrarem aborrecidos, sem vontade de continuar a sua missão, o que dá em resultado os organismos, passados alguns tempos da sua constituição, desaparecerem, tornando-se depois mais difícil a sua reorganização.

Observamos também que muitos organismos se constituem na intenção egoísta de alcançarem de momento algumas regalias, e, após o triunfo ou derrota, começam os sindicatos a ser abandonados, isto talvez por culpa dos seus dirigentes, que não têm o dever de influir nos seus camaradas de forma a que compreendessem que o sindicato não se organiza simplesmente por uma questão de interesses imediatos, mas também com o fim de desempenhar a sua missão numa sociedade sindicalista, em que terá a responsabilidade da produção e do consumo.

Constata-se também nalgumas localidades pequenas, a falta de organização operária e isto talvez se verifique devido à pouca ou quase nenhuma propaganda que se tem feito nessas localidades. Assim sabemos, que no concelho de Faro, existia há tempos, em Estói, uma associação da Construção Civil, assim como em Santa Bárbara de Nexe (Bordeira) a Associação dos Trabalhadores Rurais, desaparecendo ambas, devido ao pequeno número de camaradas que estavam à frente daqueles organismos e ainda pela pouca propaganda feita nestas localidades.

Temos ainda São Brás de Alportel com dois sindicatos e Santa Bárbara de Nexe com um, sem que qualquer deles tenha vitalidade, o mesmo sucedendo em muitas terras do Algarve.

Temos ainda localidades, aonde não existe organização operária tais como Fuzeta, Lagoa, Loulé, etc.

Encontrando-se nalgumas destas localidades elementos operários, que mostram boa vontade pelo desenvolvimento da organização sindicalista, esses elementos separados uns dos outros, continuam na mesma inacção.

Podemos nós fazer chegar a propaganda a todas as localidades, por mais pequenas que sejam?

Afigura-se-nos que sim; basta aproveitar esses elementos que se encontram dispersos e coordenar a propaganda de forma a interessar esses camaradas pela ideia da emancipação humana.

Dá-se ainda no Algarve um fenómeno que na conferência deverá ser discutido: é o de os trabalhadores rurais não organizarem os seus sindicatos, por se dar a coincidência de as terras estarem na posse da maioria dos trabalhadores, isto é, quasi todos os trabalhadores possuem terras, e, por esse facto, já se julgam senhores desprezando e olhando até com desdém para a organização sindical.

E' portanto da máxima urgência que se faça a propaganda entre eles por forma a fazê-los compreender a sua verdadeira situação.

A não ser assim, dar-se há amanhã a transformação social, e teremos, talvez, que lutar com os trabalhadores do campo, para que eles entreguem à comunidade o que lhes sobeja do seu trabalho. E por culpa de quem? De nós trabalhadores das cidades, que não sabemos cuidar a valer deste problema.

Entendemos que para atenuar, em parte, todos estes males deve-se fazer:

- 1.º — A imediata reorganização da delegação confederal.
- 2.º — Constituir comités de propaganda sindical em todas as localidades onde haja organização operária.
- 3.º — Das localidades onde não haja organização, e onde se encontrem camaradas com conhecimentos e disposição para fazer propaganda sindical, estes sejam aceites nos comités da localidade mais próxima, devendo os camaradas que se encontram nesta situação: a) Filiar-se no sindicato de indústria da localidade mais próxima; b) No caso de não haver sindicato da sua indústria na região, deverá sindicalizar-se em qualquer sindicato que lhe fique mais próximo.
- 4.º — Tanto esses camaradas como os comités, deverão fazer sentir e dar a conhecer todas as necessidades de propaganda e organização à delegação confederal.
- 5.º — A propaganda deverá ser feita por todas as formas e por toda a parte desde que se reconheça utilidade, em comícios, sessões, conferências, palestras, excursões, passeios de confraternização, jornais, folhetos, etc.

Faro, abril. — Relatores — A Comissão organizadora da Conferência Inter-Sindical do Algarve.

OS MISTÉRIOS DO POVO

ACABA DE APARECER A 6.ª SÉRIE DE 10 TOMOS DESTA MAGNÍFICA OBRA HISTÓRICA DO ESCRITOR

EUGENE SUE

ACEITAM-SE ASSINATURAS PARA ESTE ROMANCE, AO PREÇO DE 5000 POR CADA SÉRIE DE 10 TOMOS

Reunião de militantes

Reúnem amanhã, pelas 21 horas, os militantes sindicais revolucionários que defendem a orientação demarcada pelos Congressos de Coimbra e da Covilhã para apreciar assuntos importantes.

A reunião realiza-se no local onde se efectuou a última.

COSTUREIRA de encadernador—oferece.—Rua de São Boaventura, 53, 1.º

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo Público

A-pesar-do Estado se dizer democrático, os funcionários são tratados com uma desigualdade flagrante

Segundo notícias oficiais a reclamação formulada pela União do Professorado, para que fosse concedido o abatimento de 75 % nos caminhos de ferro do Estado, acaba de ser indeferida. Como a bom entendimento meia palavra basta ficamos sabendo que as reclamações já formuladas ou a formular pelas restantes classes do funcionalismo, têm decerto a mesma solução quando forem de igual teor, pois que o estado seguindo a carreira cega e vesga de sempre por princípio algum se afastará do beco em que homens duma mentalidade duída o meterem há séculos; para ele como para certas megeras que levam uma vida imoral e duvidosa, mercê da qual têm filhos de diversos pais e tratam aqueles conforme o amor que a estes ligam, também uns têm mais direitos do que outros. Sim! Porque enquanto a uns concede desde o subsídio de residência ao bonus nos caminhos de ferro, a outros quais cães vadios, nemsubsídio, nem diuturnidades, nem bonus nos caminhos de ferro; enquanto a uns dispensa desde os melhores ordenados até às chorudas gratificações ou cooperação de lucros, como se um funcionário, que percebe um vencimento ainda tivesse direito à cooperação de lucros, a outros, nega desde a mais simples regalia à mais ínfima pretensão.

O Estado que há muito deveria ter estabelecido para todos os seus funcionários uma igualdade de tratamento, igualdade desvelada apenas e um tanto nos vencimentos para que estes fossem de harmonia se não com as necessidades pelo menos com o serviço desempenhado, cada vez mais porfia em desequilibrar o pouco que já existia feito, assim temos presentemente o critério do titular da pasta do comércio, quando numa vontade muito sua e escudado num sentimentalismo nada harmónico com a doutrina do Estado que representa, nega ao chamado pessoal menor o direito à diuturnidade, que no entanto, crê da máxima conveniência para si e para a sua classe de professores, e ainda a última reforma do Congresso da República, reforma que feita segundo alguns para anichar no futuro e comodamente algum dos seus autores, não deixou contudo de colocar os funcionários da dependência numa situação de autêntico privilégio.

Não posso nem quero saber qual a intenção das pessoas que por vezes parecem apodadas em compilar este triste estado de coisas, o que posso e quero saber é da obrigação que algumas das suas classes sejam tratadas como meras toleradas. Se o Estado não pode conceder a essas classes que os reclamam os benefícios que a outras já concede, de forma alguma podemos compreender, que a outras que nem dos seus serviços dependem os possa continuar a conceder.

As regalias e situações verdadeiramente privilegiadas que alguns gozam, têm no interesse de todos, inclusive do próprio Estado, de a todos se tornarem extensivas, pois que além de uma tal diferença de tratamento causar enfadamento e revolta não faz sentido que continue a tratar uns como filhos e outros como enteado. Urge que todos sejam tidos e tratados como serventários do mesmo patrão—o Estado—, e quando digo todos de forma alguma faço alusão aos funcionários como Daniel Rodrigues actualmente a caminho do Brasil com oito libras ouro por dia e que no ano findo, fez o grande sacrifício, que só um grande e desinteressado patriotismo pode desculpar, de arrecadar a insignificância de quarenta e sete ou quarenta e nove contos de cooperação de lucros, nem tampouco aqueles outros do Commissariado dos Abastecimentos que dizem também terem arrecadado 15 contos, porque esses e conforme com a precária situação do tesouro devem estar rebenetando de fome, a que me refiro é a que aqueles que trabalhando como os outros e como eles desempenhando um serviço útil, se encontram em situação de inferioridade tal que os rebaixa e deprime—os humildes—para esses sim, é que recorro à divisa do regime—Igualdade, não só para que os livres da miséria se não ainda para que a exemplo dos restantes lhes concedam um tratamento que os faça conhecer como funcionários públicos.

PAULO EMILIO

Os Operários do Mobiliário de Faro e os seus detractores

FARO, 25. — Os operários mobiliários desta cidade continuam na sua maioria alicados do seu sindicato que há pouco se reorganizou. A comissão administrativa tem diligenciado atrai-los para o seu organismo, porém, ao que consta, a combater o seu trabalho há a atitude de 2 indivíduos mobiliários que foram militantes e cujos antecedentes os não abonam muito, os quais influem junto dos operários para que não se inscrevam no Sindicato. E para lamentar a atitude desses indivíduos, mas mais para lamentar é a atitude dos mobiliários daqui, que conhecendo e tendo sido vítimas da acção praticada por um dos seus sujeitos, ainda lhe dão ouvidos, permanecendo indiferentes aos apelos do seu Sindicato. Não obstante, os operários continuam sendo vítimas da exploração patronal, a crise está longe de desaparecer e tantos outros problemas cuja solução só da sua acção depende, estão postos de parte.

Mal vão os mobiliários no caminho que percorrem, e se uma rajada de bom senso lhes não varrer os cérebros, prestes assistiremos à máxima exploração sobre eles, o que profundamente lamentamos visto ser uma classe que nos outros pontos do país tem dado provas do seu valor revolucionário e do seu grau de consciência.

Que eles meditem nestas breves palavras são os nossos votos.—E.

Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra

Avizam-se os sócios em atraso, que estão arquivados, serão eliminados não pagando os seus atrasos no prazo dum ano para os que estão fora do continente, e seis meses para os que estão no continente.

AS GREVES

Apanhadores de Marisco de Faro

Um movimento contra a baixa de remuneração

FARO, 24. — O Sindicato dos Apanhadores de Marisco, que ficou constituído no dia 1 do corrente, realizou com os exportadores de marisco um contracto, pelo qual estes se obrigavam a pagar a ameijoia ao preço de 40\$00 por medida.

Este preço foi depois aumentado para 48\$00.

Ontem os exportadores comunicaram aos apanhadores que voltavam a pagar a medida a 40\$00.

A classe reuniu em assembleia magna deliberando não vender mais marisco, enquanto as duas partes não chegarem a acôrdo, excepção feita aos exportadores que possuem viveiros.

Prevenção

O Sindicato dos Apanhadores de Marisco previne os marítimos do Algarve que não devem vender ameijoas aos exportadores de Faro enquanto não estiver resolvido este caso.—C.

Federação Corticeira Nacional

Mais uma vez solicita aos sindicatos corticeiros a conveniência de abrirem quotas nas fábricas, a fim de prestarem solidariedade aos grevistas da casa Wiconder, do Seixal, que há dois meses lutam contra a baixa de salários.

1.º DE MAIO

A paralisação do pessoal da Carris de Ferro de Lisboa

A Associação de Classe dos Empregados da Carris de Ferro de Lisboa comunicou que em assembleia geral extraordinária, a classe resolveu não trabalhar no dia 1.º de Maio, solidarizando-se assim com os protestos do operariado organizado.

Em Silves

Em assembleia do Núcleo de Juventude Sindicalista de Silves, entendeu-se necessário pedir à F. J. S. o envio de um delegado ao comício a realizar naquela localidade no dia 1.º de Maio.

Usaram da palavra alguns jovens aconselhando os seus camaradas a não colaborarem em festas nesse dia, visto ele ser de luto e de protesto.

Em Almada

A U. S. O. de Almada resolveu realizar um comício no dia 1.º de Maio, na praça de Camões, e sessões preparatórias nos diversos sindicatos.

Decidiu convidar a fazerem-se representar a C. G. T., a Federação Anarquista da Região do Centro, F. J. S. e os comités pró-Salvação de Espanha e pró-Sacco e Vanzetti.

Em Sintra

Reuniu a comissão administrativa do Sindicato Unico da Construção Civil de Sintra, que se ocupou da comemoração do 1.º de Maio. Resolveu distribuir um manifesto alusivo à data do 1.º de Maio e promover nesse dia uma sessão pública.

SOLIDARIEDADE

Pró presos sociais

Arsénio José Filipe pede-nos para tornar público que recebeu a quantia de 50\$00, proveniente duma quete aberta em casa do camarada Júlio da Anunciação e em favor de 25 presos sociais que se encontram no calabouço 6 do governo civil.

Foi adiada para o dia 10 de Maio a festa que ante-ontem se devia realizar de auxílio à biblioteca do S. U. Metalúrgico e que a policia iniquamente proibiu.

Do programa fazem parte dois entreactos dramáticos, varios números da canção nacional, com colaboração musical da "troupe" os "Bichinhos".

Tribunal de Arbitros Avindores

Sob a presidência do dr. sr. Humberto Pelagio, servindo de arbitros pela pauta patronal, José Fonseca Vidigal, António Cardoso e Francisco Abrantes e pelos operários, José Joaquim de Almeida, António Reis Junior e Vitor Reis Araújo, reuniu este tribunal para julgamento dos seguintes processos: Manuel Vieira Tomé contra Sebastião José de Carvalho, adiado por ter o réu apresentado atestado de Joenqa, o que já o faz por três vezes, o que levou os arbitros operários a protestarem por terem apurado que o réu não estava doente; Banco Nacional Ultramarino, sendo autor o seu antigo empregado fiel pagador, sr. Alfredo Camêlha, que pede 9.600\$00; José Vitorino Lopo, que reclama 324\$00 à alfaiataria A. Pena, Limitada, e Constantino da Silva, carpinteiro, que pede 383\$70 a Manuel Rezende. O julgamento da Fábrica de Garrafas da Amora que ficou a dever 26.324\$25 ao seu antigo gerente fabril sr. Lopo. Nogueira ficou transferido por ter se aparecido o réu José Maria Alvares.

CONTRA A REACÇÃO

Um grande manifestação em Borba

BORBA, 25. — No dia 21 do corrente realizou-se aqui uma manifestação organizada por elementos das esquerdas sociais, tendo sido convidado a incorporar-se o operariado.

A manifestação, na qual tomaram parte cerca de 2.000 pessoas, operários na maioria, percorreu as ruas da vila, sendo, durante o trajecto levantados muitos vivas à C. G. T., A. I. T., abaixo à burguesia, U. I. E., clericalismo, etc., etc.—E.

Lede o Suplemento de "A Batalha"

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Depois de algumas "démarches" da comissão delegada deste organismo junto do presidente do Senado, do director da secretaria da Câmara dos Deputados e do presidente da 1.ª secção do Senado, foi ontem aprovada a proposta de 1.000 contos para as obras do Estado.

Também ontem foi entrevistado o presidente da Câmara Municipal de Lisboa sobre a admissão de operários. Hoje deve efectuar-se nova conferência para a solução do assunto.

A Exploração do Pôrto de Lisboa contra o operariado

A Exploração do Pôrto de Lisboa, aproveitando miseravelmente a situação criada pela crise de trabalho, está admitindo carpinteiros com o salário de 17\$76, quando os salários ali são de 22\$00, 23\$00, 26\$00 e mais. Estes salários são pagos aos que entram por empenho do director.

Também os operários da E. P. L. que trabalham a bordo de barcos no Tejo, estão fazendo horas suplementares, pagas a dobrar é certo, mas que se não admitem num momento em que na indústria há uma tão grande falta de trabalho.

Chamamos a atenção da secção dos carpinteiros do S. U. C. Civil para estes casos.

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas (15\$00) Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha"

Queixas e reclamações

Esteve nesta redacção a operária cartoneira Maria da Ressurreição Martins Pinto que nos referiu ter sido despedida das oficinas de Soares & Guedes, Limitada, pelo facto de ter faltado, com prévia autorização, uns dias, devido a doença de seu marido.

Este facto só prova que aquela firma não tem a menor consideração por aqueles que lhe dão os lucros que auferem.

Na escola n.º 54

Infingem-se castigos corporais às crianças

Várias vezes têm chamado a nossa atenção para a maneira como em certas escolas primárias tratam as crianças que as parcas posses dos pais e a vontade de os educar para ali enviam e entre elles mencionamos aquela que pela sua brutalidade mais parece destacar-se, a n.º 54, situada na Travessa, da Boa Hora, escola onde as crianças pela mais leve falta são de tal forma tratadas que para admirar é que algumas ainda ali apareçam.

Tendo a república abolido definitivamente os castigos corporais de forma alguma podemos compreender que ali continue a ser aplicados, a não ser que a sua explicação esteja no facto da regente ser uma pessoa velha e educada em princípios autoritários e fradescos. Se assim é, cumpre fazer saber aquela senhora, que embora há tempos tivesse levado os seus educandos à missa, de harmonia com o que preceitua a igreja, ainda não é a igreja quem manda de novo em Portugal, para estar pondo em prática os seus ensinamentos.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 6 desta revista intitulada: "Mi Hermana", de José Martin.—Preço: \$50 — Pedidos à administração de A Batalha.

Secção telegráfica

Federações

METALÚRGICA:

J. Feliciano e Adelino Ferreira.—Venhão hoje à sede, às 19 horas.

S. U. Metalúrgico de Vieira de Leiria.—Delegado que fôr troca as cadernetas.

S. U. M. da Marinha Grande.—Recebemos officio em breve officio.

S. U. M. de Oihão.—Recebemos officios e 258\$50; sobre o vosso pedido comunicaremos na secção telegráfica.

S. U. M. de Torres Novas.—Vamos fazer máxima diligência sobre o vosso pedido.

Do estatuto confederal

CAPITULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º — Desenvolver, fora de toda a escola politica ou doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salariado e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum intelligenciação, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço \$500.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.—(Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço \$500.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.—(Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço \$500.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.—(Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço \$500.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.—(Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço \$500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço \$500.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha.—(Desconto aos revendedores).

Edições SPARTACUS

Na Central Tejo

Uma Ordem que revela os propósitos ditatoriais dos gerentes

Tem já sido esmaltada nas colunas de "A Batalha" a vida opressiva a que o operariado está sujeito nas oficinas. Todos os dias, são constantes as queixas dos trabalhadores a quem o patrão impõe um regulamento draconiano, a quem um encarregado transmite em ordem vexatória que a não ser cumprida o expulsará do trabalho.

Cabe agora a vez à Central Tejo, cuja gerência acaba de mandar afixar um ukase que ressa assim:

"Para assegurar unidade na aplicação de castigos e para deles prevalecer documentação que fique como especie de cadastro do pessoal, é criado um quadro de punições assim concebido."

Segue a data de entrada do operário, número, nome, profissão, motivo do castigo e visto do engenheiro.

Depois encontramos mais o seguinte, no mesmo ukase:

"Este caderno ficará na posse do apontador. Os chefes de serviço tendo qualquer queixa dum seu subordinado transmiti-la ao chefe da fabrica o qual por sua vez mandará aplicar a pena que julgar conveniente dela informando o apontador."

Diariamente e pelas 16 horas acompanhando a Tabela de Horas Suplementares, será presente o caderno de punições ao sr. engenheiro chefe da central, para definitiva aprovação das penas applicadas. O apontador receberá em seguida o dito caderno, e avisará os interessados à saída da fabrica.

Em caso de greve ou insubordinação são os chefes de serviço autorizados a suspender do trabalho, o pessoal insubordinado sem a intervenção dos seus chefes da fabrica e engenheiro chefe da Central, mas a afixação definitiva da pena imposta, fica em todo o caso dependente do estipulado nas regras procedentes.

A alteração de uma pena, deve para ser válida:

1.º Ser proposta por aquele que a infligir;

2.º Ser regularmente aprovada como a punição propriamente dita."

Por esta simples amostra poderá o leitor avaliar da vida de liberdade que os operários da Central Tejo gosam, considerando que a sua situação naquela empresa depende do bom humor dos chefes de serviço e do engenheiro.

Mas é conveniente dedicarmos em melhor oportunidade duas linhas ao assunto.

A C. G. T. francesa e a politica radical

A propósito da queda de Herriot, o Conselho Confederal da C. G. T., publicou um manifesto (1) protestando contra o incidente sucedido ao seu protegido, o que comprova como infelizmente está longe este organismo da C. G. T. dantes da guerra.

Para completar a obra, Jouhaux foi a Roubaix "cantar lóas" a Jules Guesde, a quem ali elevaram um busto—aquele Jules Guesde, que dirigiu uma campanha rude contra a autonomia dos sindicatos.

Academia de Amadores de Música

O concerto que devia realizar-se amanhã, no salão desta academia, ficou transferido para sexta-feira, 1 de Maio, sendo o programa o mesmo que já publicamos.

Em Almada

A situação do operariado

ALMADA, 26. — E' deveras lamentável a situação do operariado desta vila e da Cova da Piedade.

O pão, além de roubado no péso, é de qualidade intragável, especialmente, o que se compra na padaria do sr. Manuel Pinho.

Os generos de primeira necessidade aumentam constantemente de preço, a-pesar-de neutras localidades o seu preço diminuir.

E enquanto isto se passa a crise de trabalho não cessa o que nos conduz para a peor das situações.—E.

Escola de Rodrigues Sampaio

Um movimento de protesto dos alunos contra a suspensão de dois professores

Os alunos da Escola Rodrigues Sampaio, que no passado sábado abandonaram as aulas editaram um manifesto em que transcrevem as noticias dos vários jornais, referentes ao facto.

Motivou esse protesto o facto de o director, sr. António Maria Quintão, ter dispensado os professores srs. Chaves Gomes e Piedade Moraes, que têm a simpatia de todos os alunos, julgando estes que irão ser substituídos por criaturas de menor competência.

Queixam-se os alunos daquela escola de várias determinações disparatadas do director, como a de mandar furar as portas das salas das aulas, para os espreitar durante o seu funcionamento; mandar castigar os alunos por continuos, que o vão fazer sem prévio consentimento dos professores, que não são consultados; de conservar encerrada a Associação Escolar, impossibilitando-os de gozar os seus benefícios; proibir as alunas de usarem pó de arroz, etc., etc.